

**ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL****Estudos sobre a arte aplicada ao âmbito psicoterapêutico e à subjetividade das imagens****Studies on art applied to the psychotherapeutic field and the subjectivity of images**Eveline Pereira Carrano<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre a subjetividade humana e seus modos de comunicação por meio das imagens no âmbito da Arteterapia e da Psicoterapia. O trabalho buscou observar o uso da arte no *setting* terapêutico, bem como analisar as teorias sobre os elementos visuais, sua linguagem e expressão visual e, ainda, considerar a análise semiótica da imagem na arte. Partindo da obra de Michelangelo Buonarroti, – “A criação do Sol, da Lua e das Plantas”, o estudo teve como foco central, além da identificação da imagem como meio de comunicação da subjetividade humana, a demonstração de que a Arteterapia e a Psicologia Analítica de C. G. Jung são espaços que permitem que a subjetividade humana se expresse e se comunique através das imagens. Este trabalho apresenta parte dos resultados da tese de doutorado em Psicologia, na Universidad Del Salvador, defendida em 2018.

**Palavras-chave:** análise semiótica; Arteterapia; imagem; subjetividade; psicoterapia .

**Abstract:** This article presents a study on human subjectivity and its modes of communication through images within the scope of Art Therapy and Psychotherapy. The work sought to observe the use of art in the therapeutic setting, as well as analyze theories about visual elements, their language and visual expression, and also consider the semiotic analysis of the image in art. Starting from the work of Michelangelo Buonarroti, – “The creation of the Sun, the Moon and the Plants”, the study had as its central focus, in addition to identifying the image as a way of communicating human subjectivity, the demonstration that Art Therapy and Psychology C. G. Jung's Analytics are spaces that allow human subjectivity to express itself and communicate through images. This work presents part of the results of the doctoral thesis in Psychology, at the Universidad Del Salvador, defended in 2018.

**Keywords:** image; subjectivity; psychotherapy; art therapy; semiotic analysis.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia clínica (USAL-AR); psicóloga (CRP 5/8017); arteterapeuta (AARJ, 010/0399); arte educadora (UNIVERSIDADE BENNETT); pós-graduada em Arteterapia (UNIRIO-RJ), Terapia de Família (AVM-RJ) e Psicoterapia Junguiana e o Imaginário no Barro (PUC-RJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4572998403423024>. Filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AARJ nº 10/0399. E-mail: eveline.carrano@gmail.com; eveline.arteterapia@gmail.com.

## Introdução

Considerando a imagem como reflexo e expressão das emoções e do imaginário social do homem desde tempos imemoriais, e tendo como base a relação histórica do uso da arte no contexto terapêutico, este artigo, na busca de entender a analogia entre a arte, a linguagem visual e a imagem plástica, realiza uma análise e estudos rigorosos desses temas na teoria da arte. Para este fim, lança mão de bibliografia especializada na linguagem visual da Arte e História da Arte, principalmente nas publicações de Huyghe, R. (1986), Ostrower, F. (1983), (1987) e Gombrich, E. H. (1999).

No que se refere ao contexto terapêutico, foi feito um estudo teórico sobre a subjetividade e as relações da arte no *setting* terapêutico, na busca de articular as ideias principais dos referidos estudos conjuntamente com o respaldo teórico da Psicologia Analítica de C. G. Jung (1984), (1997), (2001), (2004a) e (2004b), para embasar teoricamente a Arteterapia como uma modalidade terapêutica eficiente, ao integrar diferentes saberes teóricos com a teoria da arte para, por meio da análise da imagem e do olhar teórico da análise semiótica, ter uma compreensão maior da subjetividade humana, identificando as emoções manifestadas nas mesmas.

A Arteterapia propicia o estabelecimento de um espaço terapêutico rico e criativo, onde a subjetividade humana flui, pelos mais inusitados caminhos, por meio da expressão plástica, ao configurar a imagem. A História da Arte, por meio de seu relato temporal e visual, revela-se como um produtivo cenário, rico de conteúdos e expressões da subjetividade e do imaginário social, que podem ser vistos e estudados como um registro imagético das emoções humanas e uma narrativa visual expressiva da história da subjetividade humana e do artista que a retrata.

Na análise semiótica da imagem, percebe-se que a obra, além de possibilitar a expressão da subjetividade do artista, também desperta emoções no espectador, sugerindo que a obra de arte pode atuar no fluir das emoções, tanto do artista que a produz como de quem a contempla. Assim, as modalidades artísticas, em suas diversas manifestações, se tornam facilitadoras da liberação e da percepção de conteúdos subjetivos que, ao emergirem, liberam um canal de acesso ao mundo interior, o inconsciente, reduto das emoções, muitas vezes reprimidas, aonde somente a palavra não chega.

Para a arte, o que está na alma toma uma forma, torna-se uma realidade visível; pela arte, a realidade visível, até então exclusivamente física, toma um sentido humano, adquire uma alma. Maravilhoso e fecundo intercâmbio donde nasce uma terceira realidade, que é simultaneamente o homem e o mundo, que participa de ambos e os une, levando-os ao mesmo tempo ao grau superior da existência, o da beleza. Cumpriu-se um milagre. (HUYGHE, 1986, p. 40–41)

Estudos sobre como ocorre o elo entre a comunicação dos conteúdos emocionais,

expressos nas mais diferentes abordagens terapêuticas, com a comunicação afetiva, contida nas imagens e expressas nas obras realizadas durante o processo arteterapêutico, foram a principal motivação para a observação da subjetividade humana realizada por meio da arte. Assim, fica perceptível que a utilização da Arte na terapia, como expressão artística, facilita a comunicação desses conteúdos emocionais.

Na tese, o teor subjetivo contido nas imagens encontra, nos elementos visuais, importantes e mobilizadores significados, que dão identidade expressiva à obra e vão influenciar na compreensão e na leitura da imagem. A mobilização de sentimentos e emoções ainda não acessados e a conexão direta com o inconsciente do paciente, começam a tomar forma e conteúdo, o que leva a novas e criativas produções no contexto arteterapêutico.

Com base nas publicações e palestras da Dra. Lucia Santaella (2016), e em seus estudos sobre Semiótica Aplicada, demonstrou-se, por meio da análise semiótica da imagem “A criação do Sol, da Lua e Plantas” de Michelangelo Buonarroti, o papel da Arte como expressão da subjetividade humana, transpondo os resultados obtidos para as relações possíveis entre a Arte e a Arteterapia, como comunicação da subjetividade humana por meio da imagem.

A investigação da imagem no processo arteterapêutico permite a análise semiótica através da compreensão de uma importante “linguagem e expressão” visual. Os resultados obtidos podem servir de apoio para psicólogos que trabalham com a arte, bem como para outras atividades terapêuticas, com o uso da arte. Ao deter-se perante a imagem produzida num contexto terapêutico, é necessário observar os seus elementos visuais, ricos de conteúdos subjetivos. Deter-se perante a obra, observar, se relacionar com cada detalhe, olhar sem interpretar.

A pergunta que transpassou por toda a tese foi: “Pode a subjetividade humana, através das imagens, encontrar na Arteterapia e na Psicoterapia um meio para que a sua comunicação se realize? Para tanto, foram realizadas buscas por bases teóricas para validar as relações propostas entre: **imagem, subjetividade, análise semiótica e Arteterapia.**

Considerou-se a imagem como um meio fértil para que a comunicação da subjetividade humana ocorra, abrindo um espaço imagético sutil com amplas possibilidades terapêuticas. Ressalta-se a importância da busca de um olhar diferenciado, ao se deter para observar com cuidado as imagens, permitindo-se ao olhar “passear pela imagem”, por meio de seus elementos visuais, seguindo seus signos e símbolos, e encontrar os conteúdos subjetivos nela impressos, como reflexos e expressão do imaginário social, num momento histórico específico. Percebe-se, assim, como a imagem pode se transformar num potente e importante registro da história afetiva e emocional do homem, em diferentes contextos sociais.

Como meta, alguns objetivos foram delimitados, entre eles os objetivos específicos: investigar e demonstrar como a arte, por meio das imagens, vem construindo, ao longo da história da arte, um relato da subjetividade do homem. Foi realizado um corte temporal, detendo-se no período do Renascimento, que aqui será relatado, e na Arte Moderna, encontrado somente na tese. Confirmando a imagem como um meio de comunicação visual da subjetividade humana, é possível estabelecer um paralelismo com a Psicologia Analítica de C. G. Jung.

Por meio da análise dos dados obtidos, a procura foi legitimar a Arteterapia como uma modalidade terapêutica eficiente, considerando que a arte se tem feito presente, nos momentos mais singulares, deixando as evidências de que as imagens produzidas pelo homem, desde os tempos primordiais, expressam sua subjetividade.

O objetivo geral de refletir sobre o papel da arte como expressão da subjetividade humana e da imaginação histórica e social do homem, foi alcançado, assim como a identificação na bibliografia especializada em História da Arte e na análise de imagens, a expressão da subjetividade humana, que pode servir como base para fundamentar a Arteterapia.

Todo o processo de pesquisa e escrita da tese foi de grande relevância, na medida em que, aos poucos, foi sendo confirmada a minha motivação para a elaboração do estudo como validação para o uso da arte no processo arteterapêutico. O foco norteador da tese foi perceber e identificar as relações entre Arte, Psicologia Analítica e Arteterapia, como eficiente meio onde a comunicação da subjetividade humana possa fluir por meio da imagem, materializada no processo arteterapêutico.

O ponto inicial e motivacional para a abordagem deste tema foram os retornos e as fecundas elaborações expressas durante o uso da arte no processo arteterapêutico, plenos de conteúdos subjetivos. Durante mais de vinte anos de práticas arteterapêuticas com pacientes e alunos foi observado como o uso da arte, na terapia e na expressão artística, permite que conteúdos emocionais afluam e, ao aflorar, advenha por intermédio da imagem, a sua comunicação. Fato muitas vezes referendado pelos criantes.

Ao fazer uso da arte no *setting* terapêutico, um canal de comunicação se abre, permitindo que conteúdos imagéticos efetuem uma conexão direta com o inconsciente do criante, proporcionando o acionamento de sentimentos e emoções que acessam territórios mais profundos do inconsciente, denominados por C. G. Jung como arquétipos ou inconsciente coletivo. Assim, durante o ato criativo, o artista/criante, transmite caracteres e acontecimentos ativos em seu imaginário, atrelados ao seu momento histórico e cultural, permitindo que a imagem seja mensageira de conteúdos subjetivos, plenos de emoções e sentimentos.

## Método

Para a elaboração da pesquisa foram realizados relevantes estudos e investigações conceituais baseados em bibliografias especializadas e artigos digitais referendados, envolvendo **imagem, subjetividade e Arteterapia**, buscando relacionar os conceitos teóricos com o atendimento terapêutico com o uso da arte, pela expressão da subjetividade. Eixo central da investigação: análise semiótica da imagem.

O *approach* desta proposta foi a busca do elo entre a teoria e o uso da expressividade da arte através da análise semiótica e a Psicologia Analítica de C. G. Jung, para basear teoricamente a prática arteterapêutica. Ficou evidente que a subjetividade na arte se encontra em diversas representações, por parte do artista e do espectador.

Com base neste tema, foi realizada pesquisa sobre o Estado da Arte e não foram encontrados estudos acadêmicos como este. A subjetividade e a imagem já constituíram objetos de diversas pesquisas acadêmicas, com diferentes abordagens efetuadas por outros pesquisadores, porém não com o uso da análise semiótica, que é o foco da tese.

## Desenvolvimento

Ao estudar a História da Arte, fica evidente como ela se apropria da imagem e através dela faz uma significativa narrativa visual das experiências que a humanidade vem cultivando e transmitindo ao longo dos tempos, desde os mais primitivos. A Arte representa um expressivo relato imagético da biografia e das captações dos legados que a humanidade vem acumulando e registrando, nos mais distintos suportes, durante milênios. Tudo fruto da expressão e comunicação visual subjetiva dos artistas, elaborada a partir de suas vivências, referendando seus tempos históricos e convivências sociais.

A imagem revelou-se porta-voz dos conteúdos afetivos e emocionais de uma sociedade que, por intermédio de sutis pinceladas, representou existências que influenciaram a expressão plástica singular, semelhante às expressões dos criantes/pacientes em processos arteterapêuticos, que tiveram a oportunidade de transformar em imagens suas mais distintas emoções, aprendendo a reconhecer medos e alegrias, fruto das expressões criativas, ricas de conteúdos afetivos. Assim, conseguiram transmutar em imagens suas subjetividades, representando o seu tempo e a expressão de seu imaginário pessoal e social.

A Arte, como catalisadora de conhecimento, informação e prazer, naturalmente se apropria do poder transformador e subjetivo das imagens, empregando-os em sua magnitude como meio de comunicação visual de angústias e desejos humanos, em um espaço interno e sutil, sem tempo lógico, mas pleno de uma dimensão simbólica em que tudo é possível.

Posto que as imagens permitem a entrada em um universo subjetivo – o

inconsciente—, onde habitam as emoções humanas, surge a questão a ser respondida no trabalho de pesquisa da tese: Pode a subjetividade humana, por meio de imagens, encontrar na Arteterapia e na Psicoterapia um meio para que a sua comunicação se realize?

Desde os primórdios dos tempos, a humanidade, assim que aprendeu o uso e domínio dos instrumentos e pigmentos, faz uso da arte e da imagem para se expressar. Os desenhos e pinturas rupestres são considerados os mais antigos registros imagéticos do ser humano, como um potente meio de comunicação. Mesmo que de forma simples, mas espontânea, expressava-se como um pequeno relato linear, onde a linha ganha vida e desenha nas paredes aventuras a serem vividas ou já experimentadas.

São encontrados nos livros de História da Arte comentários demonstrando que, desde a pré-história, passando pela antiguidade, até os tempos contemporâneos, os indivíduos conquistaram e experimentaram, com bastante propriedade, por meio de pinturas, desenhos e esculturas, recursos expressivos singulares que permitiram, e ainda permitem, variadas formas de expressões plásticas.

Esses estudiosos afirmam que essas representações visuais relatam fatos e episódios referentes a crenças, ritos, temores, valores e a futuras atividades de caça ou guerra, do homem, que foram sendo plasmadas em imagens, como registro do seu cotidiano, por meio das mais encantadoras formas artísticas, ricas de signos e carga simbólica.

A história da arte faz um relato da subjetividade e das emoções humanas, memória viva do imaginário social, transmitidas por meio das mãos dos distintos artistas que, para além de seu tempo, influenciaram novas gerações de artistas.

Segundo Gombrich (1999), tratando-se de artes, estamos continuamente em plena aprendizagem, existindo sempre coisas a serem aprendidas. Para ele:

As grandes obras artísticas parecem ter um aspecto diferente cada vez que nos colocamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um mundo excitante, com suas próprias e estranhas leis, suas próprias aventuras. Ninguém deve pensar que sabe tudo a respeito delas, pois ninguém sabe. Talvez nada exista de mais importante que isso: que para nos deleitarmos com essas obras, devemos ter um espírito leve, pronto a captar todo e qualquer indício sugestivo e a reagir a todas as harmonias ocultas; sobretudo, um espírito que não esteja atravancado de palavras altissonantes e frases feitas. (p. 36)

Torna-se necessário esvaziar a mente e apurar o olhar que passeia livremente sobre a imagem, captando seus conteúdos subjetivos que, ao serem plasmados, refletem, como espelhos, os diferentes contextos históricos e sociais.

Assim, entendendo que a existência humana está plena de experiências carregadas de conteúdos singulares e considerando a subjetividade, a essência do ser humano, é entender que nela, e por meio dela, o homem se constitui. Ao se constituir, contextualiza um

mundo subjetivo interno onde emoções, percepções, pensamentos e sentimentos tomam um lugar expressivo singular.

Conexas e plenas de conteúdos subjetivos, as experiências trazem uma carga afetiva intrínseca ao social, cheias de crenças e valores culturais, meio pelos quais os costumes, as perspectivas, as criações, os afetos, a fé, as vivências, dentre outras, são responsáveis pela constituição do imaginário social, tanto pessoal quanto coletivo.

A subjetividade, como conceito, varia e é qualificada conforme a análise individual, cabendo uma compreensão particular do sujeito, que é subjetivo. Fica, assim, relacionada à uma percepção, opinião e sentimento individual, sofrendo influência diretamente do que foi experimentado, vivido e elaborado pelo sujeito, subjugado e à mercê de seus interesses e escolhas pessoais.

Ao ser realizada a pesquisa sobre dados históricos que relatam a origem da Arteterapia, foi necessário focar na contextualização histórica do uso espontâneo da arte nos bastidores de hospitais psiquiátricos e, até sua chegada ao contexto das psicoterapias, um longo período ocupou essa trajetória.

Um elo foi sendo tecido a partir de estudos e pesquisas elaborados por renomados psiquiatras, estudiosos da arte e autores referendados, que provocaram o despertar do interesse de médicos e pacientes para o poder da arte como expressão dos conteúdos internos, convidando a olhar para a arte produzida nesses espaços, tão rica de significados latentes e simbólicos, que expressavam conteúdos subjetivos dos pacientes internados em hospitais psiquiátricos, do final do século XVIII e início do século XIX.

Verificou-se, assim, que a Arteterapia é uma modalidade terapêutica que se utiliza da arte e de seus recursos visuais e expressivos, dentro de um contexto clínico específico e baseia-se no reconhecimento do ser humano como singular, em pleno desenvolvimento bio-psico-social e espiritual em constante evolução.

Enquadra-se em um conceito de saúde integrativa, que o sujeito é visto de uma forma holística, como um ser único e indivisível, sendo, portanto, levado a um maior e melhor conhecimento de si mesmo por meio do olhar para a imagem, expressa em suas produções plásticas, produzidas durante o processo arteterapêutico. Entenda-se por saúde, um estado dinâmico e de equilíbrio do sujeito tanto físico, mental, como espiritual, não vinculado somente à doença.

A Arteterapia, na busca por integrar e validar conceitos e técnicas da arte com funções terapêuticas e seus constructos teóricos, aponta para um novo caminhar, por um fecundo campo no qual a criatividade floresce no encontro entre o fazer arte e a terapia, possibilitando um novo olhar para os recursos subjetivos dentro deste processo terapêutico.

Assim, a comunicação na arte ocorre pela sua linguagem visual, representada pela expressão plástica e a materialidade da imagem, com grande carga e representação. Por

meio do conhecimento dos elementos visuais básicos, a leitura da imagem se forma. Portanto, é fundamental para o arteterapeuta perceber e dominar a teoria desses elementos que compõem a imagem, facilitando a compreensão dessa linguagem. Esses elementos são muito expressivos, funcionando de modo semelhante com o alfabeto gramatical.

Essa linguagem, que tem uma organização e identidade expressiva e peculiar, é conhecida como alfabeto visual em arte, uma espécie de codificação, que se traduz pelos elementos visuais que a compõem, como: o ponto, a linha, a forma, a superfície, a cor, a luz, o volume e a textura, entre outros. Também fazem parte da leitura da imagem: a composição, através da semelhança e do contraste; a tensão espacial, através do ritmo, dentre outros fatores, que funcionam como marcas gráficas constitutivas do contexto formal e que, juntos ou isolados, irão transmitir uma mensagem visual.

Os elementos visuais que compõem a obra e, sobretudo, a forma como são concebidos, são especiais por representarem de forma singular um ato criativo que acontece dentro de um contexto expressivo único, em um determinado momento e contexto fecundo, em que a arte é elaborada. Eles apresentam propriedades essenciais que ajudam a compreensão e a leitura das mensagens contidas na imagem em contexto formal.

Esse conhecimento ajudou muito no processo semiótico, já que a Semiótica, como doutrina teórica que estuda os signos, suas características e seus modos de representar a realidade, por intermédio da compreensão dos meios pelos quais acontece a comunicação do homem, neste caso, foi usada a imagem. Semiótica facilitando uma nova forma de apreender e entender o mundo.

Tendo como base a Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839–1914), filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático, nascido nos Estados Unidos da América, foram realizados diversos estudos com foco na leitura da imagem e no processo semiótico (SANTAELLA, 2016).

Pierce buscou embasar sua teoria na filosofia e, portanto, também encontrou fundamentos na Fenomenologia. De acordo com este pensador, a Fenomenologia é a descrição e análise das experiências do homem, sendo o fenômeno, sobretudo o que o homem percebe do mundo, real ou imaginário, apreendido pela mente. Por meio da semiótica, é possível interpretar o mundo de uma maneira própria: a dos signos.

A Semiótica é a ciência dos signos e, é por meio deles, que se pode compreender todas as formas de comunicação existentes.

O signo é o elemento mais básico e central da Semiótica. É algo que remete a outra coisa. Um signo é, portanto, um representante, ou seja, aquilo que representa, que está no lugar do objeto por ele representado. A relação do signo com o objeto se dá por meio de uma contemplação estética e de diferentes formas, uma vez que abrange dados próprios ao sentir, somado ao esforço interpretativo implícito na observação de um objeto, além da

intenção de compreensão dos signos.

A função essencial do signo é representar a realidade. É tudo o que nos remete a algo, e que é percebido por nossos sentidos. O signo é capturado pela mente, que o interpreta e, a partir dele, cria um interpretante. Este, por sua vez, é e se relaciona com um novo signo. Assim, forma-se uma cadeia. Uma coisa que recorda a outra. O signo representa outra coisa na relação do signo com o objeto. O signo tem um grau de interpretabilidade. Tem algo nele mesmo que o torna apto.

A relação signo–objeto permite contextualizar o signo e estudar a situação a que se refere. O processo de simbiose equivale ao processo do pensamento.

Segundo a Semiótica, a imagem já traz em si conteúdos interpretativos, porém, é necessário um intérprete para que se faça a ligação com o que vai acontecer a partir do momento em que a observa. Este modo de ver é decisivo para o significado da imagem.

Ao terminar o ato criativo da sua obra, o artista ocupa o lugar de intérprete dela, já que, agora, ele a observa. Sua obra está envolta por um momento inigualável, cujo resultado é irrepetível, mesmo que o artista pretenda fazer uma série de reproduções, cada ato criativo é único.

São necessários procedimentos fenomenológicos, como a contemplação estética, que se dá por meio da combinação de três categorias, em três etapas simultâneas, estabelecendo uma relação entre o signo e o objeto que o representa. São elas: primeiridade (contemplar), secundidade (discriminar) e terceiridade (generalizar). A primeiridade possui qualidades que representam o objeto, buscando a aproximação do observado consigo mesmo, o que leva ao despertar de impressões sensoriais e abstratas, uma vez que traz à memória alguma coisa que implica em um sentimento não cognitivo. É fundamental estarmos atentos à impressão e à sensação da realidade que a imagem transmite. A primeiridade refere-se a um olhar contemplativo.

Para ajudar na compreensão da primeiridade é fundamental entender como os elementos se organizam na composição. Conhecer sua forma e força pictórica é essencial para entender o que a imagem comunica, qual é a mensagem subjetiva que pretende transmitir. Isto porque a imagem tem um significado que lhe é peculiar e traz, em seus elementos, afetos, emoções, percepções e pensamentos.

Os eixos plásticos, como as linhas, as formas, as cores, a composição, a textura, a luz, a sombra, o volume, o movimento, os contrastes e o espaço são uma força expressiva que chega à composição da obra. É por meio desses elementos, que a imagem plasma mensagens e se faz reconhecer como um meio eficiente de comunicação visual.

A secundidade faz referência ao índice e à causa, que podem ser considerados como pistas ou tipos de representação indicial. Esta categoria diz respeito à existência singular do fenômeno, pois está vinculada ao signo de uma forma direta. Portanto, refere-se

à particularidade do fenômeno no aqui e no agora. Faz alusão ao olhar observacional.

A terceiridade está relacionada ao símbolo e à convenção, por seu caráter mais geral. Ou seja, está ligada ao objeto e seu significado. Orienta no sentido de uma compreensão mais profunda e pode levar à uma conclusão sobre a representação e o significado da realidade. É o interpretante que viabiliza a terceiridade. Ou seja, esta categoria só se realiza se o receptor compreende a intenção do artista.

A semiótica só nos permite mapear o campo das linguagens nos vários aspectos gerais que os constituem. Devido a esta generalidade, para uma análise afinada, a aplicação semiótica recorre ao diálogo com teorias mais específicas dos processos de signos que estão sendo examinados. Para analisar pinturas, é necessário ter um conhecimento de história e teorias da arte. (SANTAELLA, 2016, p. 6)

Na tese, foi realizada uma profunda análise semiótica da obra: “A Criação do Sol, Lua e Plantas”, obra de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, pintada no teto da Capela Sistina, localizada no Vaticano, Itália, explorando os procedimentos básicos para sua aplicação, sugeridos por Lucia Santaella, especialista nos escritos de Charles Sanders Peirce, um dos fundadores da semiótica moderna, seguindo a lógica triádica do signo e seus efeitos interpretativos, que são: os qualisignos, os sinsignos e os legsignos.



**Figura 1.** Michelangelo – “A criação do Sol, da Lua e das Plantas”. Fonte: picryl.com<sup>2</sup>

Para que algo realize a função de signo, é necessário que haja três propriedades formais: qualidade, existência e caráter de lei. No que diz respeito à qualidade, o qualisigno tem um poder de sugestão. A qualidade de um é o que representa o outro. A qualidade já é uma propriedade formal quando sugere algo, dado que faz um chamado aos sentidos, ao

<sup>2</sup> Disponível em:

<<https://picryl.com/media/michelangelo-creation-of-the-sun-moon-and-plants-01-b33a52?zoom=true>>. Acesso em: 20 maio 2024.

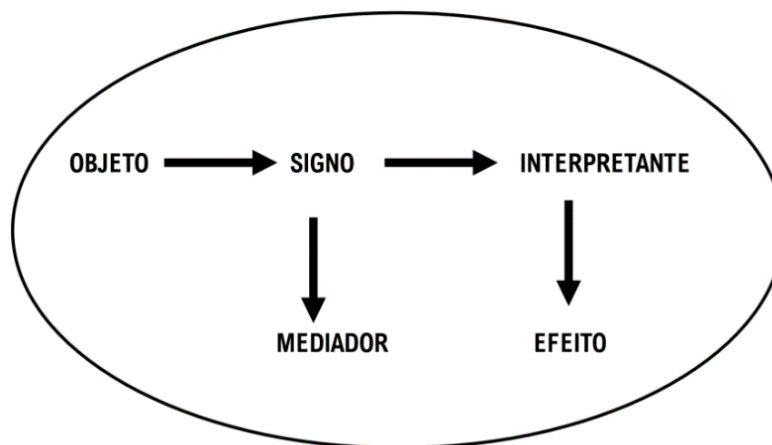
sensorio e ao sensível, pois é um determinante. Então, como signo estético, possui uma natureza qualisigno.

Quanto à existência, o sinsigno, só pelo fato de existir, já ocupa seu lugar no tempo e espaço, no aqui e no agora. É um existente relacionado a outro existente, no qual ele se conecta. É particular, porque trará o objeto em um momento e espaço determinado. Por conseguinte, é um índice.

Com relação ao caráter de lei, o legsigno, por ser uma abstração, faz parte de um sistema estabelecido que permite entender o signo, bastando que ele represente outra coisa, um objeto do signo, e que provoque uma reação em alguém, o intérprete. É algo singular que vai representar algo coletivo, geral, ou seja, o símbolo. As regras interpretativas para a produção do interpretante estão incluídas no próprio signo.

### O Signo é triático

1. O signo – Representamen, é o representante de algo de fora, o objeto.
2. O objeto – é a coisa propriamente dita. Foi utilizado para captar a imagem que representa.
3. O interpretante – é o que se cria na mente de quem vê o signo. É o significado do que vemos. É o efeito que o signo causa.



**Figura 2.** Objeto interpretante. Fonte: própria.

Já a compreensão da imagem feita pelo interpretante, o efeito interpretativo, que ocorre em uma mente real, só é possível por meio de uma análise semiótica detalhada do signo, acontecendo durante um caminho semiótico realizado pelo intérprete, no qual ele pode alcançar a terceiridade por meio de um contato mais profundo com seus processos cognitivos ou deter-se só no olhar contemplativo da primeiridade.

Um bom exemplo de como esse processo acontece é quando o quadro, com a pintura: *La Trahison des Images* – René Magritte (1929), está contido em uma fotografia, de

uma pessoa olhando essa pintura. Analisando essa fotografia temos o signo, que é a pintura do objeto externo a ela – que é um cachimbo, que se encontra do lado de fora da imagem e que foi usado como modelo pelo artista na hora da pintura. Na mente da pessoa que observa, o interpretante, vai acontecer o efeito interpretativo.

Para que um caminho semiótico aconteça é necessário, além da pessoa parar e contemplar a imagem, deixar-se envolver apenas pelos elementos visuais que a compõem, apurando seu olhar. Deixar-se contagiar e contactar com seus conhecimentos, apurando os sentidos e encontrando pistas, que vão trazer novos *insights* para entender a imagem e seu significado, e a possível intenção e expressão do artista. Percorrendo esse caminho semiótico, chega-se à terceiridade.

### **Perfil do artista e contexto histórico e social da obra: “Criação do Sol, da Lua e Plantas”**



**Figura 3.** Retrato de Michelangelo. Fonte: picryl.com<sup>3</sup>

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, foi um expoente artista renascentista, que viveu as mudanças no olhar da arte para o homem e a religião do século XVI. Quando a arte ainda trabalhava para satisfazer às exigências e ditames do clero, ao mesmo tempo em que o artista, sem deixar-se subjugar, buscava sua própria identidade expressiva.

<sup>3</sup> Disponível em:

<<https://picryl.com/media/michelangelo-creation-of-the-sun-moon-and-plants-01-b33a52?zoom=true>>. Acesso em: 20 Maio 2024.



**Figura 4.** Michelangelo Buonarroti – visão parcial do teto da Capela Sistina – 1508/12, os componentes principais do afresco, são nove cenas do livro bíblico do Gênesis. Fonte: <https://cdn.creazilla.com><sup>4</sup>.

Análise dos processos de signo da obra de Michelangelo Buonarroti – análise semiótica e os efeitos interpretativos. O interpretante, o efeito que o signo é capaz de produzir na mente intérprete, tem três níveis de realização presentes na obra prontos para serem decifrados:

- 1) *O interpretante imediato (abstrato) – primeiridade;*
- 2) *O interpretante dinâmico (efeitos) – secundidade; e*
- 3) *O interpretante final – terceiridade.*

É importante destacar que **estamos fazendo a análise de uma cópia e não da imagem original da obra** “A criação do Sol, da Lua e Plantas”, pintada magistralmente por Michelangelo no teto da Capela Sistina, para ser analisada como representante do Renascimento, por ser parte importante da produção plástica desse momento histórico.

Esta pintura é um afresco realizado no teto e não nas paredes, portanto seu tamanho é muito maior. Ao trocar de suporte, da parede pela fotografia, alguns qualisignos se perdem, como por exemplo: a textura, o gesto, a dimensão, que são sempre uma escolha do artista.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://cdn.creazilla.com/illustrations/6758326/cappella-sistina-volta-02-illustration-md.jpeg>>. Acesso em: 20 maio 2024.



**Figura 5.** Teto da Capela Sistina com Afresco de Michelangelo. Fonte: <https://upload.wikimedia.org><sup>5</sup>

O interpretante imediato (abstrato): Primeiridade – qualisigno = "disponibilidade contemplativa, deixar abertos os poros do olhar; com simplicidade e candidez, impregnar-se das cores, linhas, superfícies, formas, luzes, complementaridades e contrastes; demorar-se tanto quanto seja possível sobre o domínio do puro sensível." (SANTAELLA, 2016, p. 86).

Isto é, deixar-se banhar pela imagem como um todo, observando seus detalhes mais sutis: os qualisignos.

Buscar uma nova maneira de olhar a imagem, permanecendo somente no plano do sensório e do sensível, observando apenas as qualidades da imagem. Estabelecer contato com a exuberância da cor, com os contrastes das linhas retas e curvas, suaves ou marcadas, com as texturas, com as formas, com os contrastes, com as figuras e com os fundos, com o gesto e com o movimento desta obra.

O Interpretante dinâmico (efeitos), refere-se à Secundidade – ao sinsigno. São os efeitos que o signo é capaz de produzir em uma mente intérprete, que se subdividem em três efeitos diferentes.

1) *O efeito emocional, como qualisigno.* Que qualidade de emoção e/ou sentimento vai proporcionar ao intérprete?

2) *O efeito energético – a energia da ação.* Aceitar o convite para entrar na cena, para perceber e entender o que está acontecendo na imagem. Nessa pintura, na tentativa da representação do exato momento em que Deus se retira da cena, após terminar o ato de criação dos luminares, Michelangelo, por meio da sugestão de um

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Chapelle\\_sistine.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Chapelle_sistine.jpg)>. Acesso em: 20 maio 2024.

sutil movimento de rotação, semelhante ao de um carrossel girando, apresenta o afastamento e o abandono da obra terminada, ao virar as costas para o observador atento, sutilmente arranjado na sua obra, por meio das duas figuras representativas de Deus.

3) *O efeito lógico* – neste momento é necessário que o intérprete possua uma certa compreensão da obra e que já a tenha processado intelectualmente, baseado em sua experiência cultural, com seus conhecimentos da história da arte e do livro do Gênesis. Elementos que têm relação com o símbolo e a convenção por seu caráter mais geral. Assim, esta obra foi criada para ser vista como a representação do gênesis e, aqui, é analisada observando os dados da relação de Michelangelo com o Papa Júlio II, com o clero, com a igreja católica e com os conceitos religiosos da época em que foi elaborada: o alto Renascimento.

O interpretante final – terceiridade. O interpretante final acaba por ficar em aberto, ele se refere a um devir, a todo tipo de interpretação que ainda está por vir, está ligado ao futuro, ao que ela ainda vai despertar de beleza, gratificação e entusiasmo em novos observadores. “O interpretante final... este se refere ao resultado interpretativo ao qual todo intérprete está destinado a chegar, se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe” (SANTAELLA, 2016, p. 134).

### **Considerações finais**

Considerando a proposta inicial contida na pesquisa da tese, percebe-se que o foco e o estudo realizado concentraram-se em três abordagens principais: a semiótica, a imagem e a subjetividade. E, para encontrar respaldo teórico satisfatório, em uma perspectiva acadêmica, metodológica e consistente, a Arteterapia procura embasar respostas subjetivas que ocorrem com o uso da arte e da imagem.

Uma das propostas da tese é aproximar a Psicoterapia da linguagem artística, comum a todo ser humano. Assim, encontramos na história da arte um surpreendente registro imagético e temporal, pertinente a cada momento histórico e social, da subjetividade do indivíduo ao longo dos tempos, tanto do artista que a produz, como do receptor que a observa.

A tese buscou, na primeira etapa, realizar um profundo e meticuloso estudo da manifestação da subjetividade nos diferentes períodos da história da arte, o que foi cumprido até um determinado momento. Mas, avaliando a extensão da proposta e o tempo que levaria para concluir tal estudo, foi essencial reavaliar o projeto inicial e a realização de dois cortes na linha do tempo da história da arte, que permitiram otimizar a finalização da mesma.

Para tal, foram escolhidos dois períodos de diferentes tempos históricos: o

Renascimento e a Arte Moderna.

O do Renascimento, na Itália, especificamente com a seleção da obra de Michelangelo Buonarroti, e o da Arte Moderna, no Brasil, com a escolha da obra de Anita Malfatti. Porém, para este artigo, o foco foi a obra de Michelangelo Buonarroti.

Os estudos realizados nos diferentes períodos apontam para a importância de se dar continuidade ao trabalho em futuras pesquisas, pois existe um enorme arsenal imagético, repleto de conteúdos subjetivos a serem explorados e compartilhados com os profissionais que trabalham com a criatividade e com o processo terapêutico. Percebe-se que, ao longo da história, os artistas criaram um lindo e fecundo “Memoir of Colors”, cuidadosamente catalogado por diversos pesquisadores/historiadores e por diversos teóricos da arte.

Entre os teóricos e pesquisadores ligados à psiquiatria e à psicologia que valorizaram e pesquisaram as obras de pacientes psiquiátricos internados em hospitais de seus países, a tese revela um destaque especial para Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra austríaco, encantado por obras de arte; C. G. Jung, psiquiatra suíço, que fez uso da arte em seus atendimentos; Hans Prinzhorn, psiquiatra e historiador da arte alemã e Nise da Silveira, psiquiatra brasileira.

Outros renomados estudiosos também usaram e valorizaram a arte em seus “territórios sagrados”, fazendo e transformando seus consultórios, clínicas e ateliers em santuários onde a expressão artística de quem estava em sofrimento psíquico ganhasse “voz”, por meio do uso da arte como expressão do imaginário sofrido e reprimido, revelando-se grandes obras.

No lidar com a arte, a expressão e a configuração de imagens, por meio do ato criativo, permitem a entrada no universo subjetivo do homem – o inconsciente, onde habitam as emoções humanas. O desenho, a pintura, a escultura, a música, a dança e outras demonstrações artísticas permitem o acesso a este hábitat e o consequente contato com o subjetivo. Observa-se a arte abrindo portas de acesso ao mundo interior das emoções.

Assim, a imagem guarda segredos subjetivos das emoções humanas, cabendo ao arteterapeuta ser um guia atento, ajudando o seu criante/paciente a desvelar esses segredos por meio da leitura da imagem e da análise e compreensão de seus signos (estudo semiótico).

Para isto, arteterapeutas e criantes/pacientes precisam abrir “os poros do olhar” (SANTAELLA, 2016), tornando-se sensíveis ao fenômeno, envolvendo-se com as cores, as linhas, o movimento, as texturas, os contrastes e as formas, dentre outros elementos visuais da arte. Também devem buscar os indícios e as pistas a serem seguidas, ampliando seus conhecimentos artísticos e, assim, encontrar nas imagens, seus conteúdos simbólicos, os caminhos propostos pela análise semiótica.

Como conclusão, percebeu-se que, por intermédio do processo da Arteterapia,

algumas portas de comunicação com o inconsciente são abertas, permitindo acesso direto, rápido e eficiente a conteúdos mais reprimidos. Utilizando somente palavras, esse percurso fica mais longo, ou muitas vezes inacessível, pois a palavra é um recurso de maior domínio do sujeito e o imagético revela maior subjetividade.

Há que chegar, portanto, à conclusão de que a arte, embora sofra a influência daquele que a produz e daquele que a circunda, constitui apesar de tudo um mundo à parte; e este mundo tem leis próprias as quais obedece: são irreduzíveis. No concerto das manifestações humanas, a arte é como um instrumento que não se pode separar dos demais; apesar de tudo, tem o seu papel próprio na orquestra: não tem apenas a partitura que lhe compete, mas também os seus efeitos. Ainda mais: tem a sua estrutura original: obedece às suas regras autônomas. (HUYGHE, 1986, p. 23–24).

A Arte, em toda a sua trajetória, como acompanhante da expressão humana, tem demonstrado ser um instrumento facilitador e acessível para que emoções e sentimentos ganhem expressão. No ato criativo, os elementos visuais funcionarão como porta-voz de conteúdos subjetivos plasmados nas imagens, produzidas tanto pelos artistas como também pelos criantes/clientes.

A atividade artística, em um contexto terapêutico específico, abre portas criativas para acessar o inconsciente e trazer novas respostas subjetivas, que é a proposta da Arteterapia.

**Data de recebimento:** 24.10.2022

**Data primeiro aceite:** 18.07.2023

**Data segundo aceite:** 20.05.2024

### Referências Bibliográficas

FARIA, E. P. C. **Estudio sobre el arte aplicado al ámbito psicoterapéutico: la subetividad a través de las imágenes.** 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidad Del Salvador, 2019.

GOMBRICH, E. H.. **A História da Arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1999.

JUNG, C. G.. **A Natureza da Psique.** Volume VIII/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1984

\_\_\_\_\_. **A Vida Simbólica: escritos diversos.** Volume XVIII/1. Petrópolis,RJ: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Memórias sonhos e reflexões.** 21ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 2001.

\_\_\_\_\_. **A Prática da Psicoterapia, contribuições ao problema da psicoterapia e à**

**psicologia da transferência.** 9. edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de psicologia analítica.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004b.

HUYGHE, R. **O Poder da Imagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Sentido e Destino da arte (I).** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

OSTROWER, F. **O Universo da Arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

\_\_\_\_\_. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Thomson Learning, 2016.